

O SINAL DE JONAS

Apesar dos milagres (São João Chama-lhes “sinais”) que acompanhavam a pregação de Jesus, os judeus pediam muitas vezes a Jesus um sinal inequívoco e irrefutável de que Ele era Quem pretendia ser: Alguém que estava ao nível de Deus (o Filho de Deus, dizemos nós, hoje).

Jesus recusou sempre esse “sinal” que não lhes deixasse outra alternativa senão aceitá-l’O como Deus (algo de completamente incompreensível e inaceitável para um judeu e, por isso mesmo, blasfemo, atentatório do coração, do princípio fundamental da sua fé: a transcendência absoluta de Deus...). Seria um sinal de tal maneira evidente que, por isso mesmo, eliminaria a sua liberdade de O acolher ou não.

Tal como os judeus, temos muitas vezes a tentação de pedir a Deus sinais do Seu Amor por nós, da Sua presença na nossa vida, sinais espectaculares, extraordinários, esquecidos de que esses sinais já estão aí na nossa vida que nos fala, toda ela, de Deus quando sabemos lê-la em profundidade e não à superfície...

Jesus recusou sempre dar-lhes esse sinal e disse que **“nenhum lhe será dado senão o sinal de Jonas”**.

O que é o sinal de Jonas?

Jonas foi enviado por Deus à cidade de Nínive para lá anunciar a necessidade de se converterem a Deus. Jonas não concordou e resolveu fugir para longe num barco.

A dada altura levantou-se tão grande tempestade que todos iam morrer.

Jonas teve a hombridade de confessar que a culpa era dele por ter desobedecido ao seu Deus e os outros lançaram-no ao mar, que imediatamente se acalmou.

Jonas foi engolido por uma baleia. Passou três dias e três noites no ventre da Baleia e depois foi depositado na praia a acabou por ir até Nínive.

Quando Jesus fala do sinal de Jonas está claramente a referir-se aos três dias do mistério pascal da Sua Paixão, Morte e Ressurreição. São os três dias em que culmina toda a missão de Jesus, é o ponto de chegada de toda a Sua vida, a razão de ser da Sua vinda ao meio de nós, a expressão máxima do Seu Amor por nós: *“Tudo está consumado”* são, segundo São João, as últimas palavras de Jesus na Cruz, imediatamente antes de morrer.

O Livro de Jonas diz-nos que *“Nínive era uma grande cidade aos olhos de Deus; levava três dias a atravessar”*. Os três dias do mistério pascal, consumação da obra de Jesus...

Quando nos olhamos com os nossos olhos percebemos facilmente que há muitas potencialidades na nossa vida que ainda desconhecemos por completo e que um dia se tornarão (ou não...) realidade. Mas se nos olharmos com os olhos de Deus, então essas potencialidades crescem exponencialmente, ultrapassam infinitamente tudo o que possamos sequer imaginar, porque *“nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem jamais passou pelo pensamento do homem o que Deus preparou para aqueles que O amam”*. A distância que nos separa de Deus, que separa aquilo somos hoje daquilo que Deus sonhou quando pensou em nós e nos criou é enorme, intransponível se contarmos só connosco.

“Levava três dias a atravessar”, os três dias do mistério pascal, a nossa vida toda, que é o tempo para fazermos nossa a Vida de Jesus, para O seguirmos até à plenitude da Vida e do Amor, que tem na Cruz o seu auge! É para lá que Jesus nos chama, quando nos diz, sempre e em todas as circunstâncias: *“Segue-Me!”* Este caminho de identificação cada vez maior com Jesus Cristo, de nos unirmos cada vez mais a Ele, em sintonia perfeita com o seu coração, com os mesmos pensamentos, os mesmos sentimentos, as mesmas atitudes, os mesmos gestos e acções, é o caminho de toda a nossa vida que procuramos viver simbolicamente na Quaresma.

Tem etapas. A primeira etapa é o reconhecimento e a consciencialização do carácter efémero e precário da nossa existência. Quase tudo muda, quase tudo passa (temos de ir descobrindo o que não passa: Deus, que é Amor...). A pregação de Jonas era muito simples. Limitava-se a dizer: *“Daqui a quarenta dias Nínive será destruída”*.

Quarenta dias é o número bíblico que significa totalidade, neste caso a totalidade da nossa vida.

Jonas apenas diz o que todos sabem: esta nossa existência, tal como a conhecemos, vai acabar.

Tomar consciência disso é o ponto de partida para nos perguntarmos pelo sentido de uma vida que recusa visceralmente aquilo que a realidade lhe parece impor: a morte como fim de tudo...

Tomar consciência disso obriga-nos a procurar o sentido último daquilo que somos.

Abre-nos a porta para colocar Deus no horizonte da nossa vida.

A segunda etapa é o reconhecimento de que o mais importante da nossa vida tem a ver com o amor.

Não importa o que temos ou deixamos de ter, não importa a imagem, o que os outros pensam ou não de nós, o poder ou a glória como espontaneamente a pensamos...

Fomos criados para a relação (*“não é bom que o homem esteja só”*) e a relação só nos preenche quando vemos no outro alguém como nós (*“osso dos meus ossos e carne da minha carne”*).

Só nessa altura descobrimos o amor como dom, gratuito, entrega, serviço...

A terceira etapa é a descoberta de que o amor só nos enche inteiramente as medidas quando é vivido com a radicalidade de Jesus: um Amor inteiro, sem condições, sem reservas, sem limites, que vai até à entrega total de si mesmo, o Amor daquele que, como nos diz São João, no início da Última Ceia, *“tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”*!

A fé só começa mesmo a sério quando entendemos o que Jesus disse a Tomé na Última Ceia: *“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”*: Jesus é a Verdade da Vida e do Amor para que todos fomos criados! Jesus é o segredo da Vida. E não há Vida fora d’Ele! E é por isso que não há outro Caminho para Vida:

“Ninguém vai ao Pai, senão por Mim!”

Viver a vida sem fazer dela caminho para Jesus é muito pouco.

É desperdiçá-la sem termos consciência disso.

Fomos criados para voos mais altos, para irmos mais longe...

Fomos criados para mergulharmos no coração de Deus!

Jonas foi um sinal para a cidade de Nínive e foi acolhido como tal.

Jesus também é hoje para nós um sinal, como Jonas, se O acolhermos como tal!!!